

No teste escrito a seguir, faça o que se pede nas questões de **1 a 4**, usando as páginas de rascunho deste caderno. Em seguida, transcreva os textos para o **CADERNO DE TEXTOS DEFINITIVOS DO TESTE ESCRITO**, nos locais apropriados para cada questão, pois **não será avaliado qualquer fragmento de texto escrito em local indevido**. Utilize, no máximo, a quantidade de linhas indicada em cada questão, pois qualquer fragmento de texto além da extensão máxima estabelecida será desconsiderado.

QUESTÃO 1

Os textos clássicos são compostos por atos, que, por sua vez, são compostos por cenas. Os atos são uma forma de se estruturar a peça dividindo-a em partes igualmente necessárias em relação ao tempo e ao desenrolar da ação. Consequentemente, as cenas podem ser consideradas como unidades menores de tempo dentro dos atos. Apesar de todos os atos e suas cenas serem importantes para a estrutura da obra, eles apresentam funções e valores distintos para o desenvolvimento geral da ação.

ATO IV

CENA V

Tartufo, Elmire, Orgon

TARTUFO

Disseram-me que queria falar-me.

ELMIRE

Sim. Há segredos que deve saber. Mas, antes, feche essa porta e olhe bem em volta para evitar surpresas. Uma situação semelhante à de há pouco certamente não nos convém. Nunca levei tamanho susto; tive muito medo de Damis, por sua causa, e o senhor viu bem os esforços que fiz para que mudasse de idéia, e tentei acalmá-lo. É verdade que fiquei tão perturbada que nem mesmo tive a idéia de desmenti-lo. Mas, graças a Deus, tudo terminou bem, e as coisas, agora, estão mais seguras. A consideração de que goza dissipou a tempestade, e meu marido, nem desconfia do senhor: para desafiar as más línguas, quer que estejamos juntos a todo instante; e é por isso que posso, sem temer que me reprovem, encontrar-me aqui fechada com o senhor, com a liberdade de abrir-lhe o coração talvez demasiado pronto a aceitar o seu.

TARTUFO

É difícil compreender sua linguagem, minha senhora: ainda há pouco falava de outra maneira.

ELMIRE

Ah! Se está aborrecido por causa daquela recusa, como conhece mal o coração de uma mulher! E como entende pouco o que ele quer dizer quando se defende tão fracamente! Nesses momentos, nosso pudor sempre luta contra o que pode nos dar ternos sentimentos. Por mais que encontraremos razão para o amor que nos subjuga, sempre temos um pouco de vergonha em confessá-lo. A princípio, defendemo-nos dele, mas, pelo nosso jeito, se vê logo que o coração se está rendendo, que a nossa boca se opõe a nossos anseios apenas por um sentimento de honra, e que tais recusas tudo prometem. Sem dúvida, faço-lhe uma confissão bastante livre, deixando de lado nosso pudor. Mas, afinal, já que comecei a falar, teria eu tantado reter Damis, teria, escutado tão longamente e com tanta doçura o oferecimento do seu coração, teria encarado a questão conforme viram que fiz, se aquele oferecimento não chegasse a me agradar? E quando eu mesma quis forçá-lo a recusar o casamento que fora anunciado, que é que tal insistência deveria tê-lo feito entender, senão que o interesse que lhe tenho, e o aborrecimento que teria com esse casamento assim resolvido, viria pelo menos partir um coração que se quer por inteiro?

TARTUFO

Minha senhora, é sem dúvida uma alegria imensa ouvir tais palavras da boca amada; o mel que destila provoca em todos os meus sentidos suavidade como jamais senti. Minha maior dedicação está na felicidade de agradá-la, e a bem-aventurança de meu coração reside em seus sentimentos, mas esse coração pede a liberdade de pôr em dúvida tanta felicidade. Sou levado a crer que tais palavras sejam um honesto artifício para obrigar-me a romper o casamento que se aproxima; e se devo explicar-me com a senhora com toda a liberdade, não me fiarei em palavras tão doces, sem que um pouco de seus favores, pelos quais suspiro, venha confirmar tudo quanto puderam dizer-me, implantando-me na alma fé constante nas bondades encantadoras que tem por mim.

ELMIRE (tossindo para advertir o marido)

Como? O senhor quer ir tão depressa, consumindo logo de início a ternura de um coração? Alguém se mata para fazer-lhe a confissão mais terna, mas não é o bastante para o senhor, e não se pode satisfazê-lo senão levando a questão até os últimos favores?

TARTUFO

Quanto menos se merece um bem, menos se ousa esperá-lo. Nossos desejos não podem fiar-se em palavras. Facilmente se suspeita de uma felicidade cheia de glória, e logo se quer gozá-la antes de crer nela. Quanto a mim, que creio merecer tão pouco suas bondades, duvido do sucesso de minhas temeridades; e não acreditarei em nada, minha senhora, antes que tenha sabido convencer meu amor com realidades.

ELMIRE

Meu Deus, seu amor é um verdadeiro tirano, e lança-me o espírito em estranha confusão! Que domínio furioso exerce sobre os corações e com que violência busca o que deseja! Como? Ninguém pode livrar-se de sua insistência, que nem dá tempo de respirar? Fica bem ser tão rigoroso, querer a todo custo tudo quanto se pede, e assim abusar, por esforços insistentes, do fraco que o senhor vê que as pessoas têm por si?

TARTUFO

Mas se a senhora vê com simpatia minhas homenagens, por que recusar-me testemunhos seguros?

ELMIRE

Mas, como consentir no que o senhor quer, sem ofender o Céu, de que sempre fala?

TARTUFO

Se é somente o Céu que se opõe aos meus anseios, pouco representa para mim contornar tal obstáculo, e isso não deve deter seu coração.

ELMIRE

Mas dão-nos tanto medo as sentenças do Céu!

TARTUFO

Posso dissipar-lhe esses temores ridículos, minha senhora, pois conheço a arte de afastar os escrúpulos. De fato, o Céu proíbe certos contentamentos; (*é um celerado que fala*) mas nele se acha um modo de fazer acordo; conforme necessidades diversas, existe uma ciência destinada a dilatar os liames de nossa consciência e retificar o mal da ação com a pureza da intenção. Saberei ensinar-lhe esses segredos, minha senhora; tem somente que se deixar levar. Satisfaça-me o desejo e não tenha receio: respondo-lhe por tudo, e assumo todo o mal. A senhora está tossindo muito.

ELMIRE

Sim, isso é um suplício.

TARTUFO

Aceitaria uma bala de alcaçuz?

ELMIRE

É um resfriado obstinado, sem dúvida, e creio eu todas as balas do mundo não ajudariam.

TARTUFO

De fato, é bastante incômodo.

ELMIRE

Isso mesmo, mais do que pode supor.

TARTUFO

Enfim, é fácil destruir seu escrúpulo: posso assegurar-lhe um segredo absoluto; o mal está apenas no escândalo que se faz; este é que faz o mal, e não é pecar fazê-lo em silêncio.

ELMIRE (*tossindo mais uma vez*)

Enfim, vejo que tenho de decidir-me a ceder; que preciso consentir em conceder-lhe tudo, e que, sem isso, não devo pretender que possa estar contente, e que se queira entregar. Sem dúvida, é penoso chegar a esse ponto, e é contra a vontade que dou tal passo; mas, já que se obstina em querer submeter-me a isso, sem querer acreditar em tudo o que possa dizer-lhe, exigindo-me provas mais convincentes, tenho de resolver-me e contentá-lo. Se tal consentimento implicar em alguma ofensa, tanto pior para quem me força a tal violência; a falta certamente não cabe a mim.

TARTUFO

Sim, senhora, eu assumo e a coisa em si...

ELMIRE

Abra um pouco a porta e veja, por favor, se meu marido não está nesse corredor.

TARTUFO

Que necessidade há da precaução que a senhora toma por ele? Cá entre nós, trata-se de um sujeito que se pode levar pelo nariz; é capaz de vangloriar-se de todos os nossos colóquios e eu o pus em condições de ver tudo sem acreditar em nada.

ELMIRE

Não importa: por favor, saia um momento, e examine tudo cuidadosamente.

CENA VI

Orgon, Elmire

ORGON (*saindo de baixo da mesa*)

Que homem abominável, tenho de confessá-lo. Custa-me mesmo a crer e estou desconcertado.

ELMIRE

Como? Já saiu? Você está brincando. Volte lá para baixo, ainda não está na hora; espere até o fim para ter toda a certeza e não se fie em simples conjecturas.

ORGON

Não, ainda não saiu do inferno pessoa pior.

ELMIRE

Meu Deus! Não se deve acreditar tão rápido. Deixe-se convencer antes de entregar os pontos e não se precipite para não se enganar. (*Faz com que o marido se esconda por trás dela*).

Considerando o fragmento acima do Ato IV (cenas V e VI) da obra **O Tartufo**, de Molière, redija um texto analisando o valor dessas cenas do Ato IV para o desenvolvimento da ação de toda a obra.

RASCUNHO

1	
2	
3	
4	
5	
6	
7	
8	
9	
10	
11	
12	
13	
14	
15	

(extensão máxima: 15 linhas)

(valor da questão: 2,5 pontos)

As obras **A Gaivota** e **A Caravana da Ilusão**, respectivamente, de autoria de Anton Tchekhov e Alcione Araújo, abordam temáticas distintas. Contudo, em ambas as obras, pode-se observar a presença de questões em torno da arte e do papel do artista na sociedade.

TEXTO I

Fragmento I

BUFO

De certa forma, somos também banidos, mas não vemos o trabalho como um castigo, e sim como um privilégio inevitável. Nossos antepassados diziam que somos feitos da mesma matéria de que são feitos os sonhos. Existimos porque alguém nos sonha. Agora, por exemplo, no sonho desse alguém, eu digo estas palavras e faço estes movimentos... Diziam também que somos hóspedes das grandes fantasias noturnas dos homens, tão intensas que nos tornaram visíveis àqueles que estão acordados... Mas diziam, e isso me parece terrível, que, quando quem nos sonha acordar, nós desapareceremos...

Fragmento II

BUFO

Por que veio, Lorde? Pensa em seguir conosco?

LORDE

Não, Bufo. Vim apenas para... para dizer que sobre mim não caiu a maldição que pune os que se rendem...

BUFO

Fico feliz.

LORDE

E que as nossas tradições já não estão de acordo com os tempos...

BUFO

Já não é mais um dos nossos, Lorde. Deixe as nossas tradições em paz...

LORDE

Está certo, Bufo. Mas peço-lhe: não venha por este caminho. A cidade tem muitos atrativos e muitas tentações...

E, infelizmente, somos fracos... Inventaram por lá uma sedução diabólica e irresistível chamada glória.

BUFO

E o que é a glória?

BELA

Uma mulher, Bufo! Fico feliz, Lorde!

LORDE

Não, não é mulher! É difícil explicar, mas a sensação é a mesma de fazer amor o dia todo, fazer amor a vida toda...

BUFO

E artista, Lorde, ainda há por lá?

LORDE

Claro. Há glorificados, como eu, e os que lutam pela glória. Talvez existam outros, mas desconheço.

BUFO

E por que não devemos seguir o seu caminho?

LORDE

Por que é preciso preservar artistas como vocês. Vocês são a esperança de ressurreição da arte, depois do apocalipse.

Não devem se contaminar. Vocês e a arte são uma única coisa, pura, simples, bruta, indestrutível. Lá, a glória fez os artistas maiores que a arte. E depois do apocalipse, os que se salvarem só saberão ensinar a glória, não a arte.

Alcione Araújo. *A caravana da ilusão*. In: *Civilização Brasileira*. Rio de Janeiro, 2000, p. 38, 49-50.

TEXTO II

Fragmento I

NINA [*sozinha*]

Como é estranho ver que uma atriz famosa chorar, e ainda por cima por um motivo tão fútil! E como também é estranho que um escritor célebre, adorado pelo público, sobre quem todos os jornais escrevem, cujo retrato é vendido em toda parte, um escritor que já foi traduzido em outras línguas, passe o dia todo pescando no lago e fique tão contente por ter apanhado duas carpas. Pensei que pessoas famosas fossem inacessíveis, que desprezassem a multidão e que, com a sua glória, com o esplendor de seus nomes, como que se vingassem da multidão, porque a multidão dá mais valor à origem nobre e à riqueza. Mas na verdade essas pessoas choram, pescam, jogam cartas, riem e se zangam como todo o mundo...

Fragmento II

TRIGÓRIN

Que sucesso? Eu nunca agradei a mim mesmo. Não gosto de mim como escritor. O pior de tudo é que me sinto numa espécie de embriaguez e muitas vezes nem entendo o que escrevo... Veja, eu adoro essa água, essas árvores, esse céu, sinto a natureza, ela desperta em mim um entusiasmo, um desejo irresistível de escrever. Mas não sou apenas um paisagista, sou também um cidadão, amo o país, o povo, sinto que, se sou um escritor, estou obrigado a falar do povo, dos seus sofrimentos, do seu futuro, a falar da ciência, dos direitos do homem etc. etc., e então falo sobre tudo, me afobo, me pressionam de todos os lados, se irritam comigo, eu corro de um lado para o outro, como uma raposa acossada por cães de caça, vejo que a vida e a ciência avançam cada vez mais, enquanto eu vou ficando sempre para trás, como um muji que chegou atrasado para pegar o trem, e no fim tenho a sensação de que só sei mesmo descrever paisagens e em tudo o mais sou falso, sou falso até a medula dos ossos.

Anton Tchekhov. **A Gaivota**. São Paulo: Editora Cosac e Naify, 2004, p. 43-9 (com adaptações).

A partir dos textos **I** e **II**, disserte sobre a concepção apresentada, em cada uma das obras, com relação à arte e ao papel do artista na sociedade.

RASCUNHO

1	
2	
3	
4	
5	
6	
7	
8	
9	
10	
11	
12	
13	
14	
15	

(extensão máxima: 15 linhas)
(valor da questão: 2,5 pontos)

Ao longo da obra **A Caravana da Ilusão**, de Alcione Araújo, o autor explicita o valor simbólico das ações dos personagens como parte de seu discurso nessa obra, sugerindo certa atmosfera onírica e misteriosa.

BUFO

Eu a quero, Ziga, com o fogo ardente dos que nunca amaram.

ZIGA

Venha, vou mostrar-lhe as estrelas e ensinar-lhe como governo os nossos destinos.

BUFO e ZIGA passeiam de mãos dadas pelo fundo do palco, olhando para o céu, para onde ZIGA aponta, como se ensinasse os mistérios da astrologia. Enquanto isso, na frente, BELA vai aproximando lentamente o seu rosto do de ROTO, como que atraída pela magia de sua música e pela força do seu olhar, até beijá-lo prolongadamente. Ao fundo, ZIGA, com ambas as mãos em volta do pescoço de BUFO, fala com dificuldade.

ZIGA

Quero você, mas não posso multiplicar a sua gente. Meu ventre é seco e duro como uma pedra. Por isso fui amaldiçoada pela minha raça. Não sirvo para nada. De mim não nasce vida, só anuncio ódio e destruição. Tenho que vagar pelas estradas até o fim dos tempos.

BUFO

Ainda assim, eu a quero.

E os dois se abraçam afetuosamente. À frente, BELA e ROTO afastam os lábios, sem desfazer a intensa ligação do olhar.

BELA

Não sei se pode me entender. Mas eu o quero.

ROTO

Se eu não fosse mudo, diria que a quero mais do que o som da minha gaita, mais do que a minha vontade de falar... mas você não pode me ouvir... não se ouvem sentimentos...

ROTO segura com firmeza as duas mãos de BELA.

ROTO

Se você pudesse me ouvir, eu lhe contaria uma história dos nossos antepassados, que seu pai repetia sempre. Olhe para os meus olhos, Bela, e tente compreender o que eu digo sem falar: se um homem atravessasse o paraíso em um sonho e lhe desse uma flor como prova de que havia estado ali, e se ao despertar encontrasse essa flor em sua mão... então, o que havia acontecido? Bela, é o que está acontecendo agora. Mas eu sou mudo e você não pode me ouvir... Bela querida, eu a quero, mas sou mudo, sou feio, monstruoso...

ROTO retira lentamente a sua horrenda máscara, revelando um belo e saudável rosto.

ROTO

Entenda a língua dos mudos, minha Bela. Esse é o meu verdadeiro rosto, mas tenho vergonha de mostrá-lo.

BELA se levanta e beija-o. Lentamente, começa a se despir diante de ROTO. Ao fundo, ZIGA vai se afastando de BUFO.

ZIGA

Tenho que ir. Quis você, mas foi só por um instante. Sou incapaz de amar. Você é um sonho e eu anuncio o fim do sonho.

BUFO

Por favor, eu a amo.

ZIGA se afasta lentamente até desaparecer. BUFO a persegue desesperado, desaparecendo também. À frente, BELA, já nua, entrega-se a ROTO com volúpia e prazer. Enquanto seus corpos rolam pelo chão, vê-se, ao fundo, ZIGA e seu cavalo branco e alado, a ziguezaguear desesperadamente de um lado para o outro. Os ruídos do animal se fundem com os ruídos do casal em gozo. BUFO ressurgue, perseguindo ZIGA e o cavalo, até que todos desaparecem. Com calma e em silêncio, BELA se veste sob olhar fervoroso e apaixonado de ROTO. O indefinível tempo só se deixa ver pelos efeitos de sua ação, quando esculpe a pedra dura da montanha, quando faz surgir do galho seco as folhas, as flores e frutos, quando faz nascer, crescer, envelhecer e morrer. O tempo passa implacavelmente, deixando marcas nas pedras, na vida, no rosto. E, quando BELA se ergue já vestida, revela a sua adiantada gravidez. Ao fundo, ZIGA e seu cavalo ensandecido passam num galope furioso, empinando e rodopiando. Diante de BELA, a acariciar-lhe o ventre, está ROTO, sem máscara e com olhar bestificado. Nesse momento, surge BUFO, vindo do mesmo lugar de onde surgira no começo desse delírio. Tanto tempo passou desde então, que a trupe retorna, provavelmente sem o saber, à mesma encruzilhada. É o fim de mais um dia. Em passos lentos, BUFO passa pelo casal, pára, acaricia o ventre de BELA.

BUFO

E como vai ele?

BELA

Crescendo. Já dá chutes e cambalhotas.

BUFO

Bom sinal!

BUFO avança até mais adiante. ROTO se ergue e põe o saco nas costas. O casal anda alguns passos, revelando o cansaço de quem participou da longa caminhada. Mais à frente, BUFO agora se depara com a encruzilhada. Pára, olhando assustado para os caminhos à sua frente. Olha para um lado. Olha para o outro. Está visivelmente indeciso diante da surpresa que o atormenta. Vira-se para trás.

Alcione Araújo. A Caravana da Ilusão. In: Civilização Brasileira. Rio de Janeiro, 2000, p. 43-6.

Observa-se nesse fragmento a existência de simultaneidade nas ações de Bufo e Ziga e de Roto e Bela. As duplas de personagens estão presentes ao mesmo tempo em cena realizando ações distintas. Considerando o fragmento acima e essas observações, redija um texto descrevendo o valor da realização simultânea das duas ações nessa cena para a composição do discurso do autor.

RASCUNHO

1	
2	
3	
4	
5	
6	
7	
8	
9	
10	
11	
12	
13	
14	
15	

(extensão máxima: 15 linhas)
(valor da questão: 2,5 pontos)

QUESTÃO 4

Na obra **A Gaivota**, de Anton Tchekhov, pode-se verificar que os personagens Trigórin e Trepliov, bem como Arkádina e Nina compartilham semelhanças em relação às suas profissões: os primeiros como escritores, os segundos como atrizes. Apesar de apresentarem vínculos com as mesmas profissões, suas funções na obra são distintas. Considerando essa peça, redija dois textos, explicitando as diferenças das funções nas duplas de personagens.

Resposta I – Trigórin e Trepliov:

RASCUNHO

1	
2	
3	
4	
5	
6	
7	
8	
9	
10	

(extensão máxima: 10 linhas)

Resposta II – Arkádina e Nina:

RASCUNHO

1	
2	
3	
4	
5	
6	
7	
8	
9	
10	

(extensão máxima: 10 linhas)

(valor da questão: 2,5 pontos)

